

## RECORDAR É VIVER



### O Uniforme de Gala

No 3º ano EPCAR, realizado no Campo dos Afonsos, nossa Turma, com incontida “vibração”, recebeu o 1º Uniforme, catalogado como a farda especial a ser ostentada em solenidades militares e cerimônias protocolares. Na foto, tirada em 1959, a 4ª Esquadilha integra uma formatura para homenagear os Cadetes do 1º Ano Aviador da turma anterior, que recebiam o tão almejado espadim. Era o Dia do Aniversário da Escola de Aeronáutica.

### QUEM É QUEM?



O menino da esquerda é o João Pedro, neto do saudoso companheiro Eny Guedes, a seu lado quando tinha a mesma idade ( 3 anos). O jovenzinho de hoje é herdeiro de Noelson e Gisele (filha de Eny e Ione). E amanhã será um grande homem como o foi seu baixinho avô.

Querem mexer com os corações de “**meninos vibradores**” pela Aviação? Visitem o CENDOC, no Campo dos Afonsos, situado no histórico pavilhão Cap. Van Ness, e apreciem a coleção de emblemas, distintivos, estandartes, flâmulas e logotipos, oriundos de todas as Unidades Aéreas e Organizações Militares. Contatos: (21) 3357-5989 e 2457-2718.



## VISITA ILUSTRE

### Pölhuber no Rio



Nosso estimado companheiro Pölhuber continua na Superintendência do SIVAM, com sede em Manaus-AM. Sempre que vem ao Rio a serviço, passa pela sede da TQP para saber como vai a rapaziada. Ele continua o mesmo Aluno 57-57 – Magro, bem humorado, vibrador (nem uma “gotazinha” que apareceu o segura); só perdeu aquele tique nervoso de girar a cabeça, que lhe valeu o apelido de “Girasol”. Valeu, amigão, volte sempre!

## FATOS PITORESCOS

### Baixados à enfermaria.

A equipe de reportagem não conseguiu encontrar nenhum protagonista da narrativa do Magrineili (57-59), dentre os que utilizaram um dente de alho como supositório para ter febre e fugir das temíveis provas de Matemática e Física. Mas resgatou uma historinha interessante contada, à época, pelo Vieira de Souza (57-39), envolvendo alguns alunos baixados à enfermaria. Frequentavam suas dependências “meninos criados com vó” gripados com a friagem da noite nas ladeiras de Barbacena, “atletas” com pés e braços engessados, rapazinhos que fizeram operação de fimose (procedimento cirúrgico com finalidades operacionais, e não religiosas, que teria o nome de circuncisão), um que pegou hepatite aguardando transferência para um hospital. Geralmente às quartas-feiras, o grupo era reforçado por arrojados porém incautos pilotos, que, aos sábados, se acidentavam nas “passagens baixas” sobre a Casa Amarela, tradicional instituição da Cidade, de que resultavam danos em seus principais componentes estruturais. Felizmente, não eram danos irreversíveis,

vez que os médicos os reparavam com fortes doses de penicilina. O 39, que recebeu o apelido de Pi, segundo ele bom aluno em Geometria a empregar bem o fator = 3,141592, aproveitando que a maioria portava seus instrumentos de desenho (o estudo era obrigatório até na enfermaria), teve a idéia de lançar um concurso versando sobre o desenvolvimento do pênis, cada qual usando a sua própria régua. Antes de se definirem as regras do concurso, fez-se uma enquete de quem “teve infância normal”, conduzida pelos cariocas e apoiada pelos aratacas. Estariam dentro aqueles que, aos 4 ou 5 anos, tivessem participado de um joguinho de “cuspe em distância”; aos 8 ou 9 anos, de “xixi em distância”; e aos 12 ou



13 anos “de outras coisas do gênero”. Nesta primeira seleção, dos 16 concorrentes, 6 sulistas foram eliminados, para os quais infância normal era coisa bem diferente. Foram dispensados os “depauperados” e os “bichados”, aqueles com os membros temporariamente prejudicados. Assim, mais 7 foram eliminados, restando apenas 3 concorrentes: um gordinho mal saído da puberdade, o próprio Pi, cuja conotação do apelido não era bem aquela que ele dizia para as garotas, e um baixinho que ficou famoso por sua oratória e grandeza de espírito. Nosso inesquecível 39, o Vieira de Souza, Baptista para quem se incorporou à Turma nos Afonsos, ou simplesmente Pi para seus amigos, muito espirituoso, protagonizou outras histórias hilariantes. Vamos reuni-las para lembrarmos, com alegria, deste inesquecível irmão-camarada. Mas e o resultado do concurso? Foi cancelado. Os organizadores tiveram dificuldade para estabelecer os critérios de medição dos membros, universal e secularmente mal comportados naquela faixa etária. E também ninguém se apresentou para ser árbitro do concurso. E o Pi declarou, ao encerrar a narrativa: “Foi uma idéia boba, uma daquelas de jerico que passam pela cabeça de uma garotada indócil presa a um leito de enfermaria; e quer saber, a maioria se sentiu aliviada pelo desfecho, porque com aquele baixinho não dá pra competir...”

### MEU PRIMEIRO AUTOMÓVEL - A HISTÓRIA QUE NÃO CONTEI

Quase todos os cadetes tinham um sonho infeliz, ao saírem aspirantes. Eram três as suas aspirações: deixar o bigode crescer, comprar uma arma e casar. Realizei as duas últimas, só não concretizei a primeira por ser descendente de índio, e, portanto, imberbe. Um quarto desejo, de consumo, aliou-se ao desenvolvimento da indústria automobilística no Brasil, em 1959, e a produção do Fusquinha e Deaufine, também conhecido como Leite Glória (dissolve sem bater). Ao ser declarado aspirante (1963), fui classificado em Recife (1964). Lá, como em todo o nordeste, os automóveis existentes eram os importados da Europa e de anos bem avançados. Citroen, Austin, Singer e outros. Comprei um Ford Prefect (Inglês) ano 1951. Diziam que o proprietário ficava feliz com o carro somente duas vezes: no dia da compra e quando conseguisse vendê-lo. Vamos aos fatos: Morava eu a Rua Barão de Souza Leão, uma rua perpendicular à Praia de Boa Viagem, que ia até ao Aeroporto dos Guararapes. O edifício tinha uma garagem descoberta (oitão), onde ficava o possante, e ao lado estava sendo construído um prédio residencial. Pela manhã, às sete horas, ao dar partida no motor, o arranque se esgoelava até ficar rouco, silenciando em seguida. Sem sair do carro, pela janela, pedia aos operários da obra para que desse uma ajuda, no sentido de que empurrassem o mesmo para fazê-lo pegar. O motor pegava e seguia feliz da vida para o quartel. No dia seguinte à mesma hora, o fato se repetia, acho que o carro era temperamental, não gostava de trabalhar cedo, e mais uma vez solicitava o concurso dos trabalhadores para aquela mãozinha. No terceiro dia, os trabalhadores já estavam a minha espera no portão para a tarefa rotineira. Outro defeito do Prefect era na bomba de gasolina, quando aquecida pelo uso, dificultava o acionamento da distribuição e engasgava, não mais funcionando, sendo obrigado a ser rebocado por um companheiro que passasse pelo local do acontecimento ou aguardasse que a bomba esfriasse. Uma corda era um acessório obrigatório. Fui alertado que a solução seria levar também um vasilhame com água e



estopa e, de vez em quando, molhar a estopa e colocá-la sobre a bomba de gasolina para resfriar a danada, porém não tinha noção do tempo que teria que utilizar esse artifício e aprendi também, quando sentia o cheiro forte de pano queimado, que vinha para dentro do carro. Era o prenúncio que estava na hora de executar o serviço, pois com a estopa seca produzia a fumaça e daí para o fogo era questão de tempo, o que provocaria o incêndio do automóvel, se assim podemos chamá-lo. Naquela época a iluminação de rua em Recife era precária. A Estrada da Imbiribeira fronteira ao Aeroporto, situava-se nessa condição entre tantas. À noite, vinha da Porta Larga para entrar na Barão de Souza Leão, na altura da entrada da Base Aérea, um fusível queimou, apagando o farol. Hã, hã! Ele pensou que ia me pegar, mas eu tinha na minha "bat" mala de utilidades, uma lanterna de vinte centímetros com duas pilhas "raiovac" e o meu co-piloto com o braço estendido para fora iluminava o caminho, com ressalvas, sem antes eu ter quase atropelado um ciclista noturno. No tempo de chuva, fui surpreendido com a pane do motor do limpador de pára-brisa, "suspeitei desde o princípio", como naquele carro só possuía o do lado do motorista, a qualquer momento iria ficar sem nenhum. "Ele não contava com a minha astúcia". Com um barbante, tirado da caixa já mencionada, amarrado na haste do limpador de pára-brisa, passando pelo quebra-vento dos dois lados, juntando as pontas na frente do pára-brisa, executava mecanicamente o jogo que o motor teria de fazer. O meu amor pelo PREFECT era muito grande, e correspondido. Uma vez ele me carregava e outra era a minha vez de fazê-lo. Finalmente consegui vendê-lo e comentaram que no preço alcançado estava embutido até a lama presa ao pára-lama. Do primeiro carro ninguém se esquece. **Amorim, 57-55**

### QUADRO DE AVISOS

#### Precisa-se

De um empréstimo. Muito mesmo!  
O Amorim precisa encontrar um colega organizado que lhe possa emprestar os seguintes exemplares de O CON\*DOR, em falta na coletânea oficial: Jan-Fev/1999, Mai-Jun/1999, Nov-Dez/1999, Mar-Abr/2000.

### ACERVO HISTÓRICO

O Meira (57-129) ofereceu à Turma um pequenino álbum de fotografias, organizado pelo estúdio FOTO LIMA.





JARDIM DE ALAI




PRAÇA DOS ESPORTES

**PROMESSA (canção religiosa)**

Certa vez, entrei na casa de José  
 Me quedei, me aproximei  
 Mesmo eu que não tenho  
 nenhuma fé   
 Me ajoelhei  
 E então pedi aquilo que eu mais  
 queria  
 E vi Maria

Eu vi Maria, eu vi  
 Maria  
 Eu vi Maria, eu vi Maria  
 Alma virgem e santa  
 Em corpo de mulher  
 Companheira amada  
 Esposa de José 

Eu vi Maria, eu vi Maria  
 Eu vi Maria, eu vi Maria  
 Majestosa humildade  
 Como deve ser  
 Me faz crer  
 E mostra os caminhos do dever

  
 Eu vi Maria, eu vi Maria  
 Eu vi Maria, eu vi Maria

*Publicação a pedido da Turma*

*Nota do autor:* Fiz esta música pensando em um filho meu. Foi em uma missa pela morte da mãe do meu querido amigo João Carlos. Foi na Igreja de São José, no Rio de Janeiro. Fiquei conversando com São José, “meu querido xará”. Foi há algum tempo atrás, mas eu continuo “conversando com ele”. Quem sabe um dia ele me atende. De qualquer modo, na minha música, eu vi Maria, e ela é magestosamente linda.

**José Nelson, 58-86**

**CONCURSO CON\*DOR****Solução do Concurso de Natal/2004\***

Recorremos ao Elson (57-139) para lembrar o programa apresentado nas noites de terça-feira, no horário compreendido entre o jantar e o estudo obrigatório. Era um programa de estúdio chamado Casa Amarela, que tinha até prefixo musical: “Boa noite, meus senhores; aqui está ela, o recanto dos amores, Casa Amarela; em ondas curtas e pequeninhas...mas a frequência maior...(hahain)...é a baixinha.” O Elson não quis dizer, mas ele atuava como produtor do programa, de cuja elaboração e apresentação participavam o Cardoso (57-136), o Duque (57-137), o Edimir (57-123) e o Luiz Ribeiro (57-151). O Elson era o principal locutor, o Duque era humorista, o Edimir e o Luiz Ribeiro tocavam acordeão e violão, respectivamente, e o Cardoso atacava de tudo – compositor, violonista, cantor e humorista. Todos integravam o coro nas paródias musicais e nos “anúncios comerciais”.



Querem saber o repertório das músicas e paródias? Ouçam o CD “As Bequeanas”, lançado pela Turma em 2002. Querem lembrar das piadas? Compareçam às reuniões mensais no Clube de Aeronáutica e revejam o Cardoso em sua sempre extraordinária

performance para nos fazer rir. Querem reviver aqueles dias maravilhosos de nossa juventude, com a presença de nossos colegas artistas? Façam desde já sua adesão ao “Encontro dos 50 Anos” de ingresso na EPCAR programado para março de 2007, em Barbacena *Nota da Redação:* Por ser a Casa Amarela um programa de estúdio, o espaço não permitia a participação de outros artistas da Turma. Em outros eventos, apresentavam-se os seguintes colegas: 57-95 Suppa (violonista), 57-99 Clever Affonso (Cantor em “play-back”), 57-99 Juarez (pistonista), 57-114 Aydano (saxofonista), 57-161 Amado (percussionista, com destaque em bongô e pandeiro), 56-30 Longuinho (pianista), 56-86 José Nelson (violonista, compositor e cantor), 56-137 Clarindo (violonista, percussionista e cantor). Revelaram-se nos Afonsos: 57-67 Agostinho (violonista e cantor), 59-354 Eny Guedes (percursionista), 60-110 Zilson (violonista). \*Publicado Concurso para o 1º trimestre/2005.

**Concurso Jan-Fev/2005**

Este concurso versa sobre aulas de Francês no 1º ano da EPCAR. Foi lançado pelo “site” da Turma (<http://57.bq.org>).

**PENSAMENTO DE O CON\*DOR**

**“Vocês ainda procuram esses caras? Eles sempre encontram alguma coisa.”**

*O Drummond (57-163), referindo-se aos médicos da FAB, que ele evita desde sua passagem para a reserva.*